

O ALTAR COMO PERFORMANCE NA RELIGIOSIDADE POPULAR

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2022.185817

DOSSIÊ RELIGIÕES: SUAS IMAGENS,
PERFORMANCES E RITUAIS

DANIELA OLIVEIRA DOS SANTOS

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil, 74690-900 -
ppgipc.fcs@ufg.br

Instituto Federal de Goiás, Itumbiara, GO, Brasil, 75524-030 - ga-
binete.itumbiara@ifg.edu.br

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-7127-3212>

SEBASTIÃO RIOS

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil, 74690-900 -
ppgipc.fcs@ufg.br

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-8462-3744>

RESUMO

Este artigo apresenta o altar como um lugar do qual emanam performances visualizadas em símbolos, ações, gestos, cantos advindos da prática religiosa. Com o olhar voltado à religiosidade popular, destaca-se as vivências das Folias de Reis a fim de propiciar a reflexão acerca das performances do altar. À luz dos estudos em Performances Culturais, o destaque dado aos gestos, sons, imagens e toadas possibilitam reflexões acerca da performatividade revelada na materialidade dinâmica do altar, que se mantém viva em diversos contextos. O altar se configura, assim, como local do sagrado que ressalta o conjunto das qualidades sinestésicas das várias performances envolvidas neles ou perante eles; inclusive aquelas constituídas por sua simples materialidade e presença.

PALAVRAS-CHAVE

Altars;
Performances;
Folia de Reis;
Religiosidade
Popular;
Materialidade.

ABSTRACT

This article presents the altar as a place from which emanate performances visualized in symbols, actions, gestures arising from religious practice. With an eye

KEYWORDS
Altars;
Performances;
Folia de Reis;
Popular Religiosity;
Materiality.

turned to popular religiosity, the experiences of *Folias de Reis* stand out in order to provide reflection on the performances of the altar. In the light of studies in Cultural Performances, the emphasis given to gestures, sounds, images and tunes enable reflections on the performativity revealed in the dynamic materiality of the altar, which remain alive in different contexts. The altars are configured, therefore, as a place of the sacred that highlights the set of synesthetic qualities of the various performances involved in them or before them; including those constituted by its simple materiality and presence.

APRESENTAÇÃO DO TEMA

Os altares configuram-se como um local em que elementos da ligação humana com o sagrado, expressões materiais da fé, se revelam em práticas religiosas perpetuadas pela humanidade. Do latim, *altare*, o termo carrega etimologicamente o significado de elevar, altear de um lugar mais baixo a um mais alto, revelando-se, assim, um intermediador da condição humana perante as divindades, simbolicamente situadas em um plano superior.

Dentre as práticas pertencentes ao catolicismo, especialmente aquelas advindas da religiosidade popular, os altares presentes nas casas representam a vicissitude da fé praticada, seja em grupos ou individualmente, a partir das heranças culturais resguardadas no fazer do povo.

Cultuado em diversos contextos religiosos, o altar é particularmente evidenciado nos versos das Folias de Santos Reis, tais como nessa cantoria, recolhida na cidade de Uberaba/MG:

Nas horas de Deus, amém/ quando vamo começá

Deus vos salve o belo *altá*/ com os santos que nele está (bis)

Deus vos salve o belo *altá*/ com prazer e alegria

Deus vos salve o *Minino* Deus/ São José e Santa Maria (bis)

Deus vos salve o belo *altá*/ vos salve com toda fé

Deus vos salve a Virgem Maria/ Deus vos salve São José (bis) (Poel 2013, 52)

Os versos evidenciam a presença dos santos, materializados nas imagens sagradas, que passam a compor, assim, o espaço das casas: “É lugar sagrado. Nele são apresentadas oferendas à divindade, e o profano se torna sagrado” (Ibid). Trata-se da externalização da fé expressa em

coisas¹ e imagens que se conectam às práticas cotidianas em um espaço de múltiplas vivências e significados: cantórios, benzeções, rezas, pedidos, agradecimentos.

Essa íntima conexão de coisas e práticas culturais-religiosas será aqui abordada à luz das Performances Culturais e a partir do pressuposto de que a noção de agência pode ser aplicada tanto às pessoas como às coisas e, especialmente, à sua interação². Dispostas ordenadamente no altar, coisas, objetos, imagens, símbolos coatuam em uma gama de performances e rituais comogeradores, orientadores e receptores de gestos, sons, atitudes corporais que solidificam sua permanência junto aos grupos pertencentes às manifestações religiosas populares.

O ALTAR



IMAGEM 1
Altar exposto na Avenida Beira-Rio, em Itumbiara/GO, durante a apresentação das Folias de Reis. Fonte: Daniela Santos (2020)

Manhã de janeiro de 2020, domingo ensolarado e a farda já posta para a cantoria. Homenagem aos três Reis Santos, há dias anunciada, na principal Avenida de Itumbiara – Goiás.

1. Seguindo argumentação de Juliana Garcia (2018), alternamos o uso dos termos “coisa” e “objeto”, usando preferencialmente “objeto” quando há referência explícita a algo material, palpável, e “coisa” quando, para além da materialidade, pode haver uma referência ou desdobramento para uma natureza incorpórea.

2. Sobre agência das coisas, ver Garcia (2018), Ingold (2012), Agostini (2011).

Companhia Três Ministros afina viola e violão e se coloca em fileira diante do altar.

E, para enfeitar, flores não podiam faltar.

Nossa Senhora Aparecida, São José e Nossa Senhora de Fátima fazem companhia aos Reis Magos; na toalha branca, um sinal de que a Estrela de Belém, que surgira no Natal, reluz ali, também.

É gente para todo o lado: em frente ao altar, uns se benzem, outros, se ajoelham.

Os olhos se voltam para os três Reis. A bandeira, já suspensa acima do altar, é sinal que sim, já pode começar: o capitão puxa o primeiro verso para aos três Reis Magos cantar. (Santos, Diário de Campo 2020)

O altar constitui um ambiente, um lugar preparado para as práticas religiosas cotidianas. “Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (Certeau 1995, 201).

Ao afirmar que “o espaço é um lugar praticado”, Certeau (1995, 202) desperta a atenção para tudo o que está para além dele: uma espacialidade que ultrapassa o local físico. Assim, o campo de estudo voltado ao lugar compreende mais que o espaço em si, pois trata-se, também, de olhar os gestos, os corpos, os sons e todas as performances que o envolvem.

Turner (1974), ao refletir sobre os símbolos utilizados no ritual Isoma dos povos *ndembo*, esclarece que “quase todo objeto usado, todo gesto realizado, todo canto ou prece, toda unidade de espaço e de tempo representa, por convicção, coisa diferente de si mesmo. É mais do que parece ser, e, frequentemente, muito mais” (Ibid. 29). A partir desta indicação de Turner, compreendemos o estudo da simbologia presente no ritual como imprescindível para revelar o significado a ele atribuído.

Dessa forma, o altar, para além da materialidade de coisas e imagens, é permeado por uma variedade de ações, gestos, atitudes, corpos, posturas, os quais, experienciados individualmente ou em grupo, compreendem performances que se instauram no lugar em que se situam, tanto no cotidiano como em momentos de festas e celebrações. Tanto os símbolos materiais presentes no altar (imagens, ramos, objetos) bem como os elementos imateriais (gestos, sons) que ele gera, orienta e recebe conferem sentidos e significados para quem os evocam.

O altar gera, orienta, recebe e contempla práticas. Não é, portanto, estático. As reflexões aqui apresentadas possibilitarão observá-lo como um lugar performático, um espaço de e para onde emergem símbolos e significados diversos.

Na religiosidade popular, o altar ocupa um papel de destaque: nele e a partir dele revelam-se cantos, rezas, gestos, performances que significam o evento em si. Por isso, cabe um *olhar para essas práticas, a fim de visualizar como elas são realizadas*.

ALTARES E PRESÉPIOS NAS PERFORMANCES DAS FOLIAS DE REIS

No catolicismo popular, há diversas manifestações que, de forma singular, por meio de gestos, corpos, sons, possibilitam a prática religiosa. Dentre o número expressivo dessas manifestações existentes no Brasil, destacamos as Folias de Reis,

(...) cortejos religiosos populares que giram – com maior frequência, mas não exclusivamente – no período do Natal (noite de 24 de dezembro) até o dia de Reis (6 de janeiro), representando a viagem dos Reis do Oriente a Belém, para adorar o Menino Jesus. De casa em casa, elas pedem donativos, em dinheiro ou espécie, para fazer uma festa de encerramento em homenagem a Santos Reis (Rios e Viana 2015, 27)



IMAGEM 2
Companhia Três
Ministros –
Almerindonópolis/
GO
Fonte: Anthony
Rabelo (2020)

Em Itumbiara/GO e cidades vizinhas, as Folias de Reis realizam os giros nas semanas que antecedem o Natal, tempo em que os católicos se dedicam à espera do Menino Jesus: o Advento. Entre a última semana de dezembro e o dia seis de janeiro, dia dedicado aos Santos Reis, o giro é realizado, de forma ainda mais intensa, na zona rural.

Quando os foliões chegam às casas, é feita uma combinação com o dono: a cantoria pode acontecer do lado de fora ou no interior da residência. Nos giros da Companhia Três Ministros, na maioria das vezes, a cantoria acontece dentro das casas. Adentrando as casas, na maior parte das vezes pode-se avistar o altar, seja simples, com uma imagem apenas, ou até mesmo presépios que acendem a espera pelo Menino Jesus.


Quando há presépio na residência, os foliões dedicam um bom tempo para reverenciá-lo com toadas próprias. Este rito é chamado Louvação do Presépio:

Ocorre sempre nas ocasiões em que há um presépio no local onde a Companhia está realizando o ritual. O canto entoado, nessa etapa, destina-se a louvar os símbolos que constituem o presépio, como também os enfeites natalinos e as imagens de Santos da tradição católica. Além disso, há, através do conteúdo textual dos versos, a reprodução do episódio do nascimento de Jesus. A narração desses fatos bíblicos ocorre, de acordo com a quantidade de símbolos e enfeites que constituem o presépio (Matos 2019, 161)

Os foliões reverenciam o presépio com muita devoção. É um momento de grande vereração e respeito. “Trata-se de um momento solene da Folia de Reis quando o grupo “avista quem queria” (Rios e Viana 2015, 39).



IMAGEM 4
Foliões ajoelhados
perante o altar.
Inhumas/GO.
Rogério Neves,
2014.



Nas fotografias acima, vemos dois momentos diferentes desse ritual. Na foto da esquerda, temos o presépio montado em espaço adrede decorado, aguardando a visita da Companhia de Santos Reis. A foto da direita mostra o momento subsequente, quando o grupo de foliões, ajoelhados ao redor da dona da casa (de blusa vermelha), cantam e rezam junto ao altar. A dona da casa, também de joelhos no chão, segura a bandeira dos Santos Reis, símbolo sagrado para a comunidade de devotos. Ajoelhar-se perante a figura de Jesus, Maria e José é rememorar o que também fizeram os três Reis Magos, como relata o evangelista Mateus: “Ao entrar na casa, viram o Menino com Maria, sua mãe, e prostrando-se, o homenagearam” (Bíblia de Jerusalém 2002, 1705).

Os versos entoados diante do presépio anunciam a chegada do Menino Jesus e todos os detalhes da história são revelados em sua ordem cronológica. Começando pela anunciação do anjo Gabriel a Maria, seguindo pelas circunstâncias do nascimento do Menino e encerrando com a narrativa da visita dos três Reis Magos e sua adoração de Jesus. O presépio e todas as imagens dispostas no altar são destacados nos versos da toada. Canta-se o evento ocorrido, sem pressa.

Como referência da criação poética e de áudio da primeira parte desse cantório, trazemos a Anunciação do Anjo Gabriel a Maria, com letra e interpretação do embaixador Luís Carlos e música de João Baianinho (João Reinaldo da Silva), de Inhumas/GO. Os versos são adaptados da narrativa bíblica que conta o fato (Evangelho de Lucas, I, 26 - 38). Embora o tema da *Anunciação* esteja todo dado no texto bíblico, seria impossível cantar uma Folia de Reis com os versos exatamente da forma que se encontram na passagem da Bíblia. Assim, o tema da *Anunciação* é transposto para uma forma que canta o evento ocorrido. A forma poética, expressa na métrica e nas rimas do canto, e também sua melodia, harmonia e ritmo, mostram o modo particular que os foliões adotam na criação de suas cantorias³:

Numa cidade da Galileia / por nome de Nazaré / existia uma virgem /
bonita e de muita fé / Cidade de Nazaré / é aonde ela vivia / sua beleza
vinha de dentro / e o seu nome era Maria / Já era o sexto mês / da gravi-
dez de Isabel / Maria foi visitada / pelo anjo Gabriel / O anjo então saudou
Maria / com gesto doce e amigo / salve, óh cheia de graça / que o Senhor
está contigo / Maria não entendeu / aquela nobre saudação / e perguntou
São Gabriel / e ele deu a explicação / Sou enviado do Senhor / pra anunciar
o destino seu / tu és bendita entre as mulheres / pra ser a mãe do filho
de Deus / Maria se assustou / por ser virgem e prometida / e perguntou
São Gabriel / como ia ser concebida / O anjo então respondeu / vai ser a

3. Sobre criação individual em manifestações tradicionais, coletivas e difusas, ver Toadas de Santos Reis em Inhumas, Goiás (Rios e Viana 2015). Para variações – musicais e poéticas – sobre o mesmo tema, ver, por exemplo, a “Anunciação do Anjo Gabriel a Maria”, de Lourenço Francisco Ferreira. Link: https://www.youtube.com/watch?v=GgJBNbVy_pY.

mãe do Salvador / com o Divino Espírito Santo / o Senhor te preparou
Ainda avisou Maria / da sua prima Isabel / que falavam que era estéril
/ mas recebeu graças do céu Maria então respondeu / eis a escrava do
Senhor / faça-se em mim a tua palavra / e o anjo se arretirou Repleta
do Espírito Santo / que Deus confiou em vós / o verbo então se fez carne
/ para habitar entre nós. (Rios e Viana 2015, 168).⁴

Tratando-se de um canto obrigatório perante o presépio e, no caso da versão do embaixador Luís Carlos apresentada acima, tão próximo da forma como o tema é apresentado na Bíblia, há uma tendência à fixação dos versos. Mas há também a possibilidade de que os versos da cantoria entoados para o presépio sejam *tirados* na hora. É comum, durante a cantoria, que os versos venham inspirados pela materialidade das imagens expostas em cada altar: a figura de Maria, de José, de Jesus, dos Três Reis Magos e dos outros santos de devoção dos moradores. Sobre esse aspecto, o capitão da Folia Três Ministros, Enthony Rabelo, revelou em uma conversa informal: “A gente não decora tudo não, mas, vêm na cabeça os versos. É a história que cantamos todos os anos. Assim, fica mais fácil lembrar; tem que conhecer a Bíblia” (Santos 2019).

As cantorias para o presépio ou para o altar apresentam-se como performances que evidenciam um fazer próprio dos foliões e envolvem vários elementos advindos da cultura à qual esses grupos pertencem. Assim, quando os foliões se ajoelham perante um presépio, sua ligação com o sagrado é notoriamente visualizada e performática. O gesto insere-se em um contexto específico, em um fazer coletivo: quase que “orquestrados”, os foliões, com seus instrumentos em mãos, se inclinam e o reverenciam.

As adorações de presépio constituem o momento mais solene do giro da Folia de Reis. Mas, solenidade semelhante é ainda observada mesmo quando se trata de altares que não contém as imagens do presépio, podendo ter uma ou mais imagens de santo, a bíblia e um terço e outros objetos devocionais.

Perante o presépio, o palhaço deve manter a máscara levantada. Mas a mesma prescrição vale para os demais altares, mormente quando há a imagem de Jesus. Fonte de emanção do bem, ele não pode ser conspurcado pelo palhaço que tem um trânsito com o mal, conforme veremos abaixo.

4. Bastião. “Anunciação. Toada do João Baianinho. Letra de Luís Carlos” Vídeio do YouTube, 09:12. 13 jun. 2017. <https://www.youtube.com/watch?v=Tf2ynNafuSc&t=1s>



IMAGEM 5
Cia de Santos Reis
de Inhumas/GO.
Markus Garscha.
2012

A fotografia acima apresenta o momento em que a cantoria é feita para um altar com a presença da imagem do Menino Jesus. O palhaço que se encontra mais próximo ao altar, no lado esquerdo da foto, tem a cabeça inclinada e o olhar voltado para o Jesus em sua manjedoura, venerando, assim, a imagem. Seu gesto revela-se em prece, e, mesmo com os lábios cerrados, seu olhar de ternura para a manjedoura diz muito mais que palavras.

Os palhaços - também conhecidos na região por vigia, pastorinho, bastião⁵ - acompanham e vigiam a bandeira. Um bom palhaço precisa conhecer da profecia tanto quanto o embaixador e de ser capaz de fazer em verso o que o outro faz cantando. Os palhaços respondem também por partes mais lúdicas da manifestação, com danças e versos jocosos. Usam uma farda colorida e trazem o rosto coberto por uma máscara de aspecto normalmente amedrontador, eventualmente com partes de couro e dentes de animais. Sua função, origem e representação é dos temas mais controversos na Folia de Reis. Para alguns foliões, a origem de suas brincadeiras está associada com a tarefa de retardar e desviar os soldados de Herodes, quando da matança dos inocentes. Para outros, eles seriam soldados de Herodes arrependidos e convertidos, talvez em analogia com o episódio da conversão de Saulo. Certo, entretanto, é que, seja em um ou no outro caso, os palhaços lidam diretamente com a presença do mal na Folia de Reis, e daí vem alguns preceitos e interdições que eles devem observar perante o presépio (Rios e Viana 2015).

Uma cultura é evidenciada nas ações que gera. Daí a centralidade da interpretação dessas ações para seu entendimento. No caso específico, trata-se de identificar os modos dos foliões se portarem perante o altar, perceber

5. O termo marungo, comum no Sul de Minas, não é corrente em Inhumas.

as reverências, posturas, não só durante o cantório, mas também após o mesmo. Isso porque também é perante o presépio que, após o cantório, os foliões e os donos da casa rezam o terço nas casas que dão os almoços e os pousos. Essa prática é bastante recorrente nas Folias, tratando-se de um costume que os foliões respeitam e repassam para as novas gerações. Descrevendo a Folia de Reis Estrela do Oriente, do Setor Pedro Ludovico em Goiânia/GO, a pesquisadora Edsonina Carvalho (2009) afirma que, além de rezar o terço diante do presépio, no início e no último mistério os dois embaixadores ficam de joelhos (Carvalho 2009, 58).

Geertz (1973) destaca que a cultura contempla um padrão de significados, contribuindo, desse modo, para que a compreendamos como produto das relações estabelecidas entre os diversos grupos e seus fazeres e costumes.

Ao tratar sobre o conceito de cultura, Geertz afirma:

(...) ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (Geertz 1973, 67)

O conceito de cultura exposto por Geertz é essencialmente semiótico e carrega em si mesmo a compreensão de cultura associada a uma teia de significados construídos pelo homem que precisa ser interpretada. Essa teia de significados envolve vários aspectos da vida humana – dentre eles o religioso – e também vários elementos: ações, falas e silêncios, gestos e pausas, cantos e rezas, ornamentação e disposição de objetos etc.

Assim, a partir da centralidade da montagem dos presépios e da reza dos terços na Folia de Reis, seria de se esperar que esses eventos fossem tematizados no seu cantório. E é o que percebemos no canto abaixo, do embaixador João Cigano da cidade de Santos Reis da Inhumilha, de Itauçu/GO, em que, na saudação do altar, é feita referência à reza do terço.

(...) **D**eus te salve o lindo altar / e as pessoas que enfeitou / Jesus Cristo que proteja / e sempre será seu protetor Senhor e dono da casa / eu vou te dar meus parabéns / a sua casa é comparada / com a lapinha de Belém **V**ós é um devoto dos Três Reis / o senhor com sua família / por isso os Tres Reis tá lhe pedindo / uma janta pra companhia **D**á um agasalho pra bandeira / e também pros instrumentos / dá licença aos dois vigias / pra tirar o fardamento **S**ó falta rezar o terço / no rosário de Maria / e colocar as intenções / pro senhor com sua família Senhor e dono da casa / vire a bandeira pra cá / com licença do senhor / coloca ela no altar **V**ós toma

conta da bandeira / de uma noite para o dia / vós é protegido dos Três Reis / nós vamos parar a cantoria.⁶

Para ressaltar os aspectos voltados às práticas religiosas, Durkheim (2009) compreende que o homem religioso se constitui em um ser coletivo. Acerca da coletividade, o autor revela que “o grupo realiza, de maneira regular, uma uniformidade moral e intelectual (...)” (Durkheim 2009, 11). O ser social não se sobrepõe ao individual, porém, Durkheim afirma que a religião é uma coisa eminentemente social, sendo as representações religiosas vistas como representações coletivas. Os elementos que marcam o caráter coletivo de um rito são o tempo e o espaço. Sobre o tempo, Durkheim assinala a sua construção ao longo da história: “a divisão em dias, semanas, meses e anos correspondem à periodicidade dos ritos, festas e cerimônias públicas” (Ibid. 17).

O tempo do Natal marca as práticas das Folias de Reis, é o período em que os foliões deixam suas casas e saem para o giro e, diversas companhias, como de costume, se deslocam para a zona rural. Nas casas dos moradores, os foliões passam o dia e a noite, realizando as cantorias e convivendo. Também, nesse espaço, planejam e ajeitam o que não ficou bom na cantoria.

Olhar para o altar e para a sua relação com as manifestações populares, especialmente a Folia de Reis, consiste em considerar todo o emaranhado de práticas que surgem nele e diante dele. Para tanto, é necessário observar o que fazem os grupos e observar as performances construídas quando das práticas realizadas. Corpos, cheiros, gestos, movimento, cores, formas surgem e acontecem “como evento em si e como representação, como comunicação, como ato estético, ato simbólico e, principalmente, *locus de experiência para quem o olha e para quem é olhado*” (Camargo 2015, 02).

OS ALTARES E SEUS RESSIGNIFICADOS E PERMANÊNCIAS

Com Deus me deito, com Deus me levanto, com a graça de Deus e do Espírito Santo. (Oração da noite, Popular)

As práticas que envolvem o altar junto às Folias de Reis demonstram um estado de permanência das devoções que, de geração em geração, os foliões preservam. Por meio das cantorias, rezas dos terços e louvação ao presépio, os foliões acentuam a presença deste espaço tão importante em que a fé se apresenta nas performances realizadas.

6. Bastião. “Saudação do Altar. Toada cigana. Composição de João Cigano” Vídeo do YouTube, 09:22. 7 out. 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=xs9-Egj0pIs>

Os moradores, ao prepararem o altar, depositam nele a sua fé e esperança e, com muito cuidado, dispõem as imagens e símbolos que bem representam o que celebram.



IMAGE 6
Altar em casa
de devoto em
Inhumas/GO.
Rogério Neves.
2014

O altar “diz”. Nele, a fé se faz presente em sua materialidade: imagens sagradas de Santa Clara e de Nossa Senhora da Abadia, no oratório, flores para enfeitar, o clarão da luz da vela e a foto do ente querido lembrado. A imagem da bandeira que já passou em tantas casas, abençoa também esse lar. Por isso, a ela é dado o destaque merecido. Bem posta, a imagem dos Reis Santos adorando o Menino Jesus ganha destaque momentâneo durante a estadia da bandeira e do grupo naquela casa.

O altar, como vimos, vale tanto pela sua materialidade como por suscitar gestos e ações incorporados nas práticas devocionais, notadamente quando se trata da religiosidade popular. Presentes em quase todas as casas de devotos dos Três Reis Magos, ele tem, entretanto, uma presença que extrapola em muito os limites desta devoção específica. Lugar por excelência para as rezas individuais ou coletivas, os altares são praticamente onipresentes nas diversas manifestações da religiosidade popular; sem prejuízo de sua presença também em outros estratos sociais.

As rezas populares são formas de oração que nascem do povo, de suas experiências de fé arraigadas na vida. “Para tudo existe reza. Conhecer as rezas populares é conhecer boa parte da lógica e da fé popular” (Poel 2013, 904). E aqui estamos entendendo a reza num sentido amplo, que vai além das palavras enunciadas e envolve ainda todo um repertório de formas de expressão que envolve gestos, cantos, construção e disposição

de objetos e imagens; tudo isso constituindo performances intimamente relacionadas.

Nesse sentido, nosso *olhar* nesse ensaio volta-se, primordialmente, aos espaços e contextos – os altares e seus cômodos – onde acontecem as rezas e cantorias como ação. Os altares se configuram, assim, como lugares do sagrado que ressaltam o conjunto das qualidades sinestésicas das várias performances envolvidas neles ou perante eles; inclusive aquelas constituídas por sua simples materialidade e presença.

Valemo-nos da narrativa de Euclides da Cunha, em um trecho de *Os Sertões*, no sentido de mostrar como as rezas estão há muito tempo estabelecidas em meio ao povo:

Ao cair da tarde, a voz do sino apelidava os fiéis para a oração. Cessavam os trabalhos. O povo adensava-se sob a latada coberta de folhagens. Derramava-se pela praça. Ajoelhava-se. Difundia-se nos ares o coro da primeira reza. A noite sobrevinha, prestes, mal prenunciada pelo crepúsculo sertanejo, fugitivo e breve como o dos desertos. Fulguravam as fogueiras, que era costume acenderem-se acompanhando o perímetro do largo. E os seus clarões vacilantes emolduravam a cena meio afogada nas sombras. Consoante antiga praxe, ou, melhor, capricho de A. Conselheiro, a multidão repartia-se, separados os sexos, em dois agrupamentos destacados. E em cada um deles um baralhamento enorme de contrastes... (Cunha 1984, 87-88)

A profusão de performances apresentadas no trecho em destaque revela que as rezas emergem de um fazer, de ações reveladoras e de práticas que se estabelecem em grupos. Salta aos olhos as ações percebidas no ato de “cessar os trabalhos” e no gesto exposto, “ajoelhavam-se”. E, ainda, a expressão a qual destaca que o povo “derramava-se pela praça”, indicando o caráter coletivo da ação e já insinuando a capacidade de mobilização do líder carismático.

Sem entrar em considerações sobre a natureza dos movimentos messiânicos – que extrapola o escopo do presente ensaio –, interessa aqui caracterizar a longevidade da ação das rezas coletivas e a centralidade de tais práticas populares, notadamente quando dedicadas às imagens sagradas que culminam, entre muitas expressões existentes, nos altares; característica para a qual boa parte dos estudos da piedade popular ligada ao catolicismo já chamou a atenção.

O uso de imagens sagradas está entre as manifestações culturais de caráter privado ou comunitário fortemente estabelecidas no catolicismo

popular. De tal sorte que encontra também reconhecimento nas instâncias formais da igreja católica:

Uma expressão de grande importância no âmbito da piedade popular é o uso de imagens sagradas que, segundo os cânones da cultura e a multiplicidade das artes, ajudam os fiéis a se colocarem diante dos mistérios da fé cristã (Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia 2003, 25).

A montagem de altares com as imagens, entretanto, suscita gestos incorporados em outras práticas da religiosidade popular que não gozam do mesmo reconhecimento; ao contrário, costumam ser olhadas com desconfiança por parte do clero. É o caso, por exemplo, das práticas de benzeção, mais próximas das festas populares como a Folia de Reis e o Congado do que da liturgia oficial católica; o que não impede que várias benzedeadas e benzedeiros, foliões e congadeiros sejam católicos sinceros e assíduos frequentadores dos rituais da igreja.

Sobre a benzeção, Van der Poel (2013) esclarece que é comum o uso de altares em suas práticas. O pesquisador afirma que, nos rituais de cura que observou/frequentou, benzedeadas e benzedeiros, raizeiras e raizeiros costumam colocar sobre a mesa do altar o nome do doente e de sua enfermidade, seja espiritual ou física, a fim de obter a resposta daquele que evoca (Ibid. 53). No mesmo sentido, os (as) benzedeadas (as), pronunciam os nomes daqueles a quem rezam pela cura.

Eu, Daniela, me recordo que era costume familiar minha mãe e avó levarem a mim e meu irmão à benzedeadas; uma vizinha bem próxima, que sempre nos recebia com muita atenção. Chegando à sua casa, já sentíamos o cheiro da arruda e outras ervas exalando no quintal. Sem dúvida, o aroma da arruda predominava. Na mesa, já estava tudo preparado: toalha branca, uma vela e alguns ramos de arruda entrelaçados; o ritual já podia começar. Com os ramos em mãos, ela pedia para que fossem expurgados o mau-olhado, o quebrante, a espinhela caída... Confesso que não entendia esses termos, mas, só de ouvir meus pais e avós falarem deles, eu tinha certeza que coisa boa não era. Depois do *dedo de prosa* entre os adultos, saíamos de lá com a alma e o corpo leves. Passados alguns meses, lá estávamos, novamente.

Trazendo essa memória como pano de fundo para uma reflexão sobre as performances que os altares produzem, consideramos que as benzeções também são constituídas de práticas significativas, em seus símbolos, palavras, gestos e cheiros. E é interessante notar que essa prática cultural, originária dos estratos e da religiosidade populares, também entra em contato e diálogo com a cultura de (ou para) massa. Um bom exemplo é

o samba-enredo do carnaval de 2020 da Escola de Samba Renascer, de Jacarépaguá RJ, e o seu cartaz de divulgação.



IMAGE 7
Foto Divulgação
Escola de Samba
Renascer de
Jacarepaguá
Fonte: <https://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/leia-a-sinopse-do-enredo-da-renascer-de-jacarepagua-para-o-carnaval-2020/>

Com o lema “Eu que te benzo, Deus que te cura”, o cartaz de divulgação da escola de samba revela a pluralidade de símbolos que evocam e se entrelaçam com o sagrado. Importante destacar que não há, no cartaz, nenhuma referência explícita a essa ou aquela religião. Contudo, evidencia-se no cartaz a ambiência daquela figura que faz a ponte entre os crentes e a esfera espiritual e as divindades: a benzedeira. Mais do que as imagens na parede (Santo Antônio, a pomba do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora da Conceição Aparecida nas águas do Rio Paraíba do Sul, Nossa Senhora do Rosário e o terço), justamente as que estão no altar remetem a esse trânsito que direciona o olhar e o entendimento do espectador para os rumos do catolicismo popular e das tradições afro-brasileira e ameríndias, expressas nas imagens de Cosme e Damião – frequentemente associados aos Ibejis ou aos Meninos d’Angola –, de São Jorge, do Padre Cícero, na planta espada de São Jorge e na foto que remete a uma figura de mãe ou pai de santo ou preto(a) velho(a).

No samba-enredo da Escola de Samba Renascer de Jacarepaguá, que embalou a passagem pela Sapucaí em 2020, viceja, em forma de poesia, as performances que emanam do altar exibido no cartaz.

Trago rezas e benzeções para aliviar seus desconfortos físicos e do coração.

Quebro e desligo de toda e qualquer maldição, feitiço e sedução.

Sinta o cheiro das ervas, de incenso e de defumador.

Sou também raizeira, sim senhor.

Tenho nas mãos objetos simbólicos como arruda, terço, ramos de folhas, crucifixos e vela.

Tenho na fala, no gesto, e nos olhos fechados, o dom de curar o irmão.

De amenizar as mazelas! (Junior; Rocha 2020)

Situado na primeira pessoa, a sinopse do enredo da escola contribui para que as práticas da benzedeira sejam visualizadas. Nisto, o enredo também é performático, pois revela ações a partir da profusão de elementos e sensações apresentados no cartaz: cheiros, objetos, gestos, súplicas, cantos, benzeções. Tudo se estabelece nele e com ele. Associando a noção de agência das coisas à teoria das performances culturais para identificar diferentes modos de articulação entre coisas e pessoas, podemos afirmar que, na simbologia exposta, o altar *performa*.

O contexto atual de pandemia da covid-19 mudou o cenário social e econômico e isso tem claro impacto no campo religioso. O condicionamento às privações acarretadas pela pandemia proporcionou à população mundial o “repensar” suas práticas cotidianas. Seja nas mais simples situações do dia a dia, como ir ao supermercado, ou na forma de lidar com o trabalho – seja nas restrições e medidas de segurança no trabalho presencial ou nas ferramentas e plataformas do trabalho remoto –, a pandemia “mexeu” com o nosso modo de ver a vida e de vivê-la.

No que se refere às práticas religiosas, na maioria das vezes experienciadas em grupos e em espaços de alguma forma públicos – ainda que seja a sala de uma casa que se abre para receber um grupo de Folia de Reis –, o cenário também foi se transformando, especialmente, pela ausência de pessoas nesses espaços em decorrência da pandemia.

No entanto, algumas práticas religiosas resistiram às restrições impostas pelo contexto atual. Dentre elas destacam-se as devoções que se realizam em torno de um altar, que, na impossibilidade de realização de um rito mais amplo e coletivo, também se presta para a devoção individual ou familiar em casa, podendo ainda ser estendido a um limitado círculo de parentes, amigos e vizinhos⁷.

7. Outra possibilidade para a devoção (responsável) nesses tempos de pandemia, além da frequência às igrejas por um limitado número de fiéis ou de realização de rituais mais restritos e com algum distanciamento, foi a veiculação de missas e outros eventos religiosos pela TV ou pela Internet. E novamente destaca-se o altar nessas transmissões.

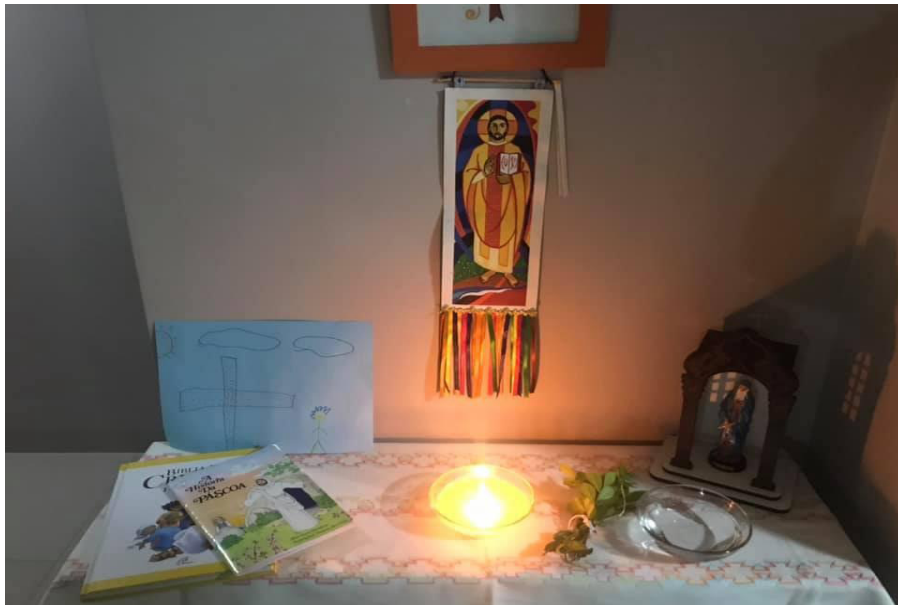


IMAGE 8
Altar em casa.

Na foto acima, destaca-se na parede a imagem de Jesus Cristo e no altar um desenho infantil com uma cruz, livros infantis de histórias religiosas fazem-se presente juntamente à imagem de Nossa Senhora das Dores, no oratório. Junto aos símbolos a vela alumia a cena. A água preparada para a benção faz companhia aos ramos apanhados de alguns galhos de sempre verde. O altar revela a presença de uma criança na casa, sua marca impressa no desenho e nos livros pessoais, diz: estou aqui.

(IN) CONCLUSÃO

No desenvolvimento deste ensaio, procuramos pensar o altar como materialidade e presença que constitui em si e por si uma performance que, por sua vez, gera, orienta, recebe outras performances; performances de foliões e de outros adeptos das formas da religiosidade popular, como as benzedeiças, que manifestam-se perante o altar, realizando, a partir dele, ações sinestésicas que elucidam vários aspectos dessa forma de religiosidade.

Compreender o entrelaçamento de tais performances requer um olhar apurado tanto para as coisas e sua agência como para os detalhes das ações que se desenrolam perante o altar. Tal como em um enredo de escola de samba, a partir e por meio de suas imagens, as performances *contam* e *cantam* o evento, situam todos os participantes em uma mesma ação e afluam os sentidos e percepções para o que é venerado ato. E isso é válido também em grande medida para reuniões de indivíduos e núcleos familiares – mais ou menos extensos – ao redor de seus altares, na intimidade de suas casas.

Pensar o altar como um próprio agente da performance implica olhar também para tudo o que o altar transmite ou evoca, sejam imagens, palavras, gestos corporais, sons, cheiros. Tudo é parte do evento em si, em seu momento e contexto. Ao redor do altar – um espaço de trocas de saberes – no altar e pelo altar, a religiosidade é evidenciada nas performances ali realizadas; seja pelas imagens e coisas, pelos foliões, pelas famílias que recebem os grupos, por quem dele se aproxima ou se utiliza para os fins de suas práticas espirituais e religiosas.

Desenvolver o olhar para o espaço em que a fé é visualizada, ou seja, os altares, contribui para que percebamos como as performances são produzidas. Trata-se de um olhar que vai além do que está posto, um olhar que verifica os pormenores das coisas e das ações, sem pressa, saboreando a cena e o que dela emana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agostini, Camilla. 2011. A vida social das coisas e o encantamento do mundo na África central e diáspora. *Métis: História & Cultura*, vol. 10: 165-185.
- Bíblia de Jerusalém. 2002. São Paulo: Paulus.
- Bitter, Daniel. 2010. *A bandeira e a máscara*. A circulação de objetos culturais na Folia de Reis. Rio de Janeiro: 7 Letras; IPHAN/CNFCP.
- Camargo, Robson (org) et Alli. 2015. *Performances da Cultura: Ensaios e Diálogos*. Goiânia, Kelps.
- Carvalho, Edsonina. 2009. *Estrela do Oriente*: Uma Folia de Reis do Setor Pedro Ludovico, Goiânia, Goiás. Dissertação de mestrado profissional, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Certeau, Michel de. 1995. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Cunha, Euclides da. 1984. *Os Sertões*. São Paulo: Três (Biblioteca Virtual do Estudante).
- Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia. 2003. *Princípios e Orientações. Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos*. São Paulo: Paulinas.
- Durkheim, Emile. 2009. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes.
- Garcia, Juliana. 2018. *Tem Festa de Tambor no Reinado de Nossa Senhora*. Performance e Agência em torno das Coisas Congadeiras – Justinópolis MG. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Geertz, Clifford. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Ingold, Tim. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizonte antropológico* vol.18: 25-44. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>
- Júnior, Ney e Claudio Rocha. Leia a sinopse do enredo da Renascer de Jacarepaguá para o Carnaval 2020. *SRzd*, 08/08/19. <https://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/leia-a-sinopse-do-enredo-da-renascer-de-jacarepagua-para-o-carnaval-2020/> (acessado em 14/04/21).
- Matos, Ronaldo Aparecido. 2017. *Os cantos da Companhia de Reis Fernandes de Olímpia – São Paulo*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, São Paulo.
- Rios, Sebastião; Viana, Talita. 2015. Fotografias de Rogério Neves. *Toadas de Santos Reis em Inhumas, Goiás*. Goiânia: Gráfica UFG.
- Turner, Victor Witter. 1974. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes.

Poel, Francisco van der. 2013. *Dicionário da Religiosidade Popular*. Curitiba: Editora Nossa Cultura.

Daniela Oliveira dos Santos é doutoranda em Performances Culturais - Universidade Federal de Goiás (2020-2024) com pesquisa em andamento sobre o Ofício Divino das Comunidades. É mestre em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia (2012) e cursou especialização em Liturgia Cristã na Faculdade Jesuíta (FAJE – 2018 a 2019). Possui licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Música pela Universidade Federal de Uberlândia. É professora de música no Instituto Federal de Goiás - Campus Itumbiara desde 2011. Tem interesse em investigações nos campos Catolicismo Popular, Ritos Católicos e Música Litúrgica. E-mail: danielaoliveira@ufg.edu.br

Sebastião Rios é professor da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás. Pesquisador associado do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) e colaborador do Zentralinstitut für Lateinamerikastudien da Universidade Católica de Eichstätt (Alemanha). Doutor em Sociologia pela UnB / Universidade de Innsbruck, Áustria (1998), mestre em Literatura (1993) e bacharel em História pela UnB (1987). Atua nas áreas de Sociedade e Cultura Brasileira, Literatura Brasileira, Música e Sociedade, Cultura Popular / Patrimônio Imaterial, com vários registros de Folias de Reis e Congados em CDs e vídeos. E-mail: sebastiaorios@gmail.com

Contribuição de autoria. Daniela Oliveira dos Santos, Sebastião Rios: concepção, coleta e análise de dados, elaboração e redação do manuscrito, discussão dos resultados.

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido: 16/05/2021
Reapresentado: 11/11/2021
Aprovado: 15/11/2021